

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

FPE_PTRF_01_0012

Paulo Freire

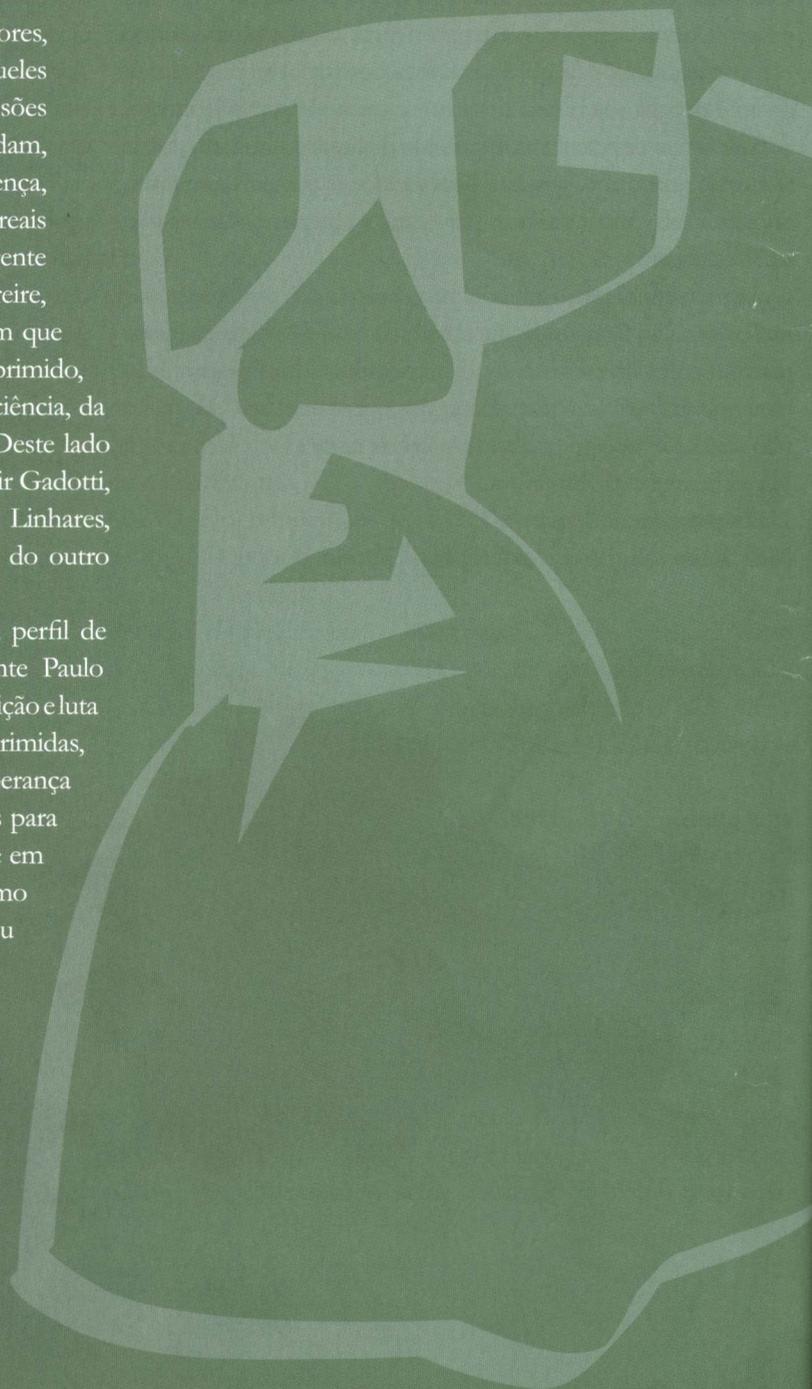
O homem, a obra, senões e contribuições.

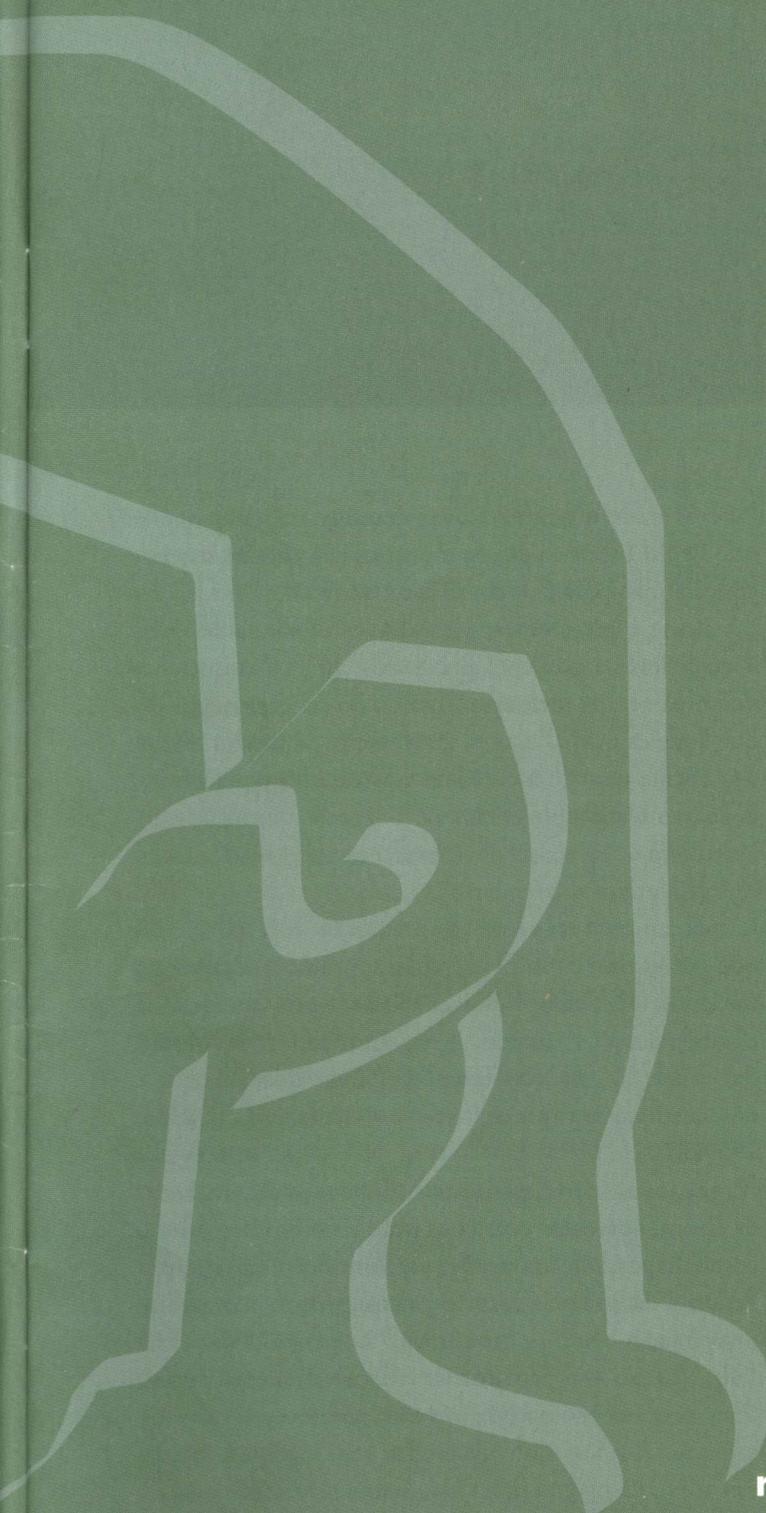
(parte II)

Atualmente se podem observar, entre professores, filósofos, pedagogos, educadores, enfim, entre aqueles que vivem a educação, grandes reflexões e discussões sobre Paulo Freire. Entre esses estão os que concordam, assumem e adotam as idéias de Freire por crença, talvez, na busca de um mundo mais solidário com reais oportunidades de vida para todos, no constante e exigente diálogo que sempre foi um dos pilares da luta de Freire, na simplicidade de ser capaz de criar uma linguagem que aproxime a todos e nos leve a entender o mundo do oprimido, dos sem oportunidades da terra, sem abrir mão da ciência, da lógica, da dialética e sem perder a ternura da vida. Deste lado estão autores e estudiosos como Pedro Demo, Moacir Gadotti, Mário Sérgio Cortella, Carlos Alberto Torres, Célia Linhares, Angela Antunes, Frei Betto, entre tantos outros. E do outro lado da corda, a quem citaremos?

Resposta difícil. Difícil encontrar, difícil definir um perfil de educador que contrarie, mediana ou totalitariamente Paulo Freire, difícil assumir-se contrário a idéias de contraposição e luta contra as situações concretas de vida das pessoas oprimidas, difícil admitir que não se queira colaborar com a esperança de promover e manter o diálogo entre essas pessoas para que estas possam renovar-se, para melhor, em vida e em idéias. Essas frases parecem retóricas e ingênuas, mesmo porque não é o caso desta pesquisa saber se há um ou mais autores em educação e filosofia contrários àquilo que Paulo Freire criou. Mas fica a pergunta: quem nos atrevemos a citar?

Arriscar-me-ei a citar Demerval Saviani, especialmente em duas posições tomadas por ele ao longo dos últimos anos e com as quais concorda-se e discorda-se no meio acadêmico e literário brasileiro. Palavras dele em entrevista ao Jornal da Unicamp - edição 194 - ANO XVII em 14 de outubro de 2002, página 5:





“ ... tenho constatado - e também tem sido um dos vetores das lutas que travamos desde a segunda metade da década de 70 - certa tendência a deslocar aquilo que me parece ser o papel principal da escola. Entendo que ela tem a ver com o saber sistematizado, com a cultura letrada, com o saber científico. Não com o senso comum, o saber espontâneo, o saber da experiência, ou aquilo que é chamado de cultura popular. Por que? O que se pode constatar é que, para desenvolver a cultura popular, não se precisa da escola. Agora, na medida em que se desenvolveu uma tendência que desvalorizava ou secundarizava a cultura erudita e valorizava a cultura popular e, por conta disso, passou-se a tachar a escola como alienante, como instrumento de dominação por estar ligada à norma culta, comecei a me perguntar: em que grau isso é realmente transformador? Em que grau isto não vai fazer o jogo da dominação existente? A escola seria uma forma de o homem do povo ter acesso ao saber elaborado, sem o que esse tipo de saber fica privilégio das elites.

(Paulo Freire)



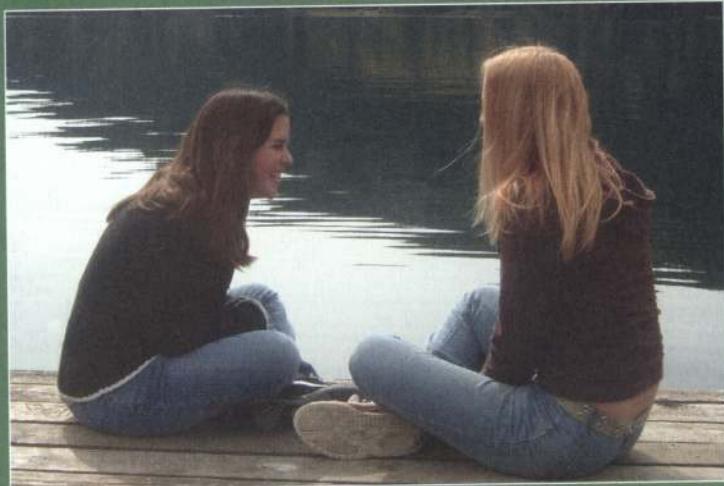


Foto: stock.xchng

Com este pequeno texto é possível observar formulações que se contrapõem ao pensamento freiriano. Discordar ou concordar implica avaliar o período histórico, social e político em que ambas as falas foram ditas. Paulo Freire inicia seus escritos e práticas na década de 60 do século passado, quando, para se chegar ao saber elaborado a que Saviani se refere ou ao saber erudito, era preciso, no mínimo, compreender as letras e os fatos que compõem minimamente o saber elaborado. Ora, a uma população que não sabe nada, iniciar pelo erudito pode parecer querer demais. Paulo Freire só denunciava e chamava o país à criação de classes de educação popular para que este saber popular fosse atingido e, assim feito, o saber erudito pudesse ser alcançado.

E como se chega ao ponto de chegada se não existir um ponto de partida? É como afirmar a possibilidade de saltos impossíveis, inclusive ao desenvolvimento cognitivo humano, que necessita ultrapassar etapas de operações de pensamento até chegar às operações formais, que se caracterizam por níveis de intelectualidade capazes de abstração e pensamento elaborado.

Para Saviani (1991, p.73-76), um dos pecados da educação popular é ter circulado apenas entre a cultura popular, negando, portanto, o acesso a conhecimentos socialmente mais amplos e capazes de emancipar a população de sua condição de povo oprimido. Ora, novamente, quem precisava da educação popular eram aqueles pertencentes à cultura popular, sem que com isso houvesse a negação ou impedimento ao acesso a

saberes mais eruditos. Saviani também aponta que o que Paulo Freire fazia era a proposição de um sistema educacional paralelo ao sistema formal da educação brasileira, e pior, desprovida de metodologia própria, a qual deveria nascer a partir dos saberes daqueles a quem pretendia incluir no mundo de saberes maior do que aqueles que os alunos já tivessem. Saviani (1991, p. 74) afirma que "... a carência de sistematização teórica é flagrante nas tendências de educação popular, pois acreditam que a teoria deve nascer das próprias práticas dos movimentos populares".

Cambi aponta, a partir da revolução cultural de 68 que gerou movimentos estudantis, políticos e culturais iniciados nos campi universitários norte-americanos e disseminados depois pela Europa, a revolução da educação no que tange à crítica dos saberes e das instituições oficiais que os ofereciam. (Cambi, 1999:617).

Alinhados ao pensamento transformador da revolução da época, aparecem teóricos com modelos alternativos, como Lapassade, na França (a promoção da natureza genuína da infância com a práxis pedagógico-escolar respeitando este pensamento), Lorenzo Milani, na Itália (padre católico criador da escola de Barbiana, uma pequena comunidade rural na Itália. Diante da intenção do Vaticano de fechar sua paróquia, Milani cria a escola para atender aos meninos camponeses da região. Rompe com as formas tradicionais de ensino e busca proporcionar aos alunos uma educação que lhes permita mudar sua história de vida), Illich, na Europa



Foto: stock.xchng



como um todo (falecido recentemente, em dezembro de 2002, na Alemanha, foi amigo e debatedor de Paulo Freire). Illich substituiu a proposta de uma “pedagogia dos oprimidos” pela crítica à “opressão da pedagogia”. Percebeu muito cedo que a escola havia se transformado de instituição de educação para um bem de consumo, um produto como qualquer outro, fabricado, garantido e vendido pela instituição escolar, embora seja fora dos seus muros que aprendemos a maior parte do que sabemos. (Oliveira, 2002), e Paulo Freire no Brasil e na América Latina (Cambi, 1999:620).

Ainda conforme Cambi (1999:625), esses e outros estudiosos seguidores da mesma linha de pensamento são aqueles a quem se denomina teóricos da desescolarização, tomando a escola como formadora de pessoas com ideologia do poder, seja através do conhecimento, seja por tempo de escolarização. São autores que sustentam suas teses basicamente na defesa daqueles que são pobres, oprimidos e que, segundo eles, precisam de uma escola que vá muito além da alfabetização e chegue à conscientização, o que poderia equivaler a uma educação libertária e transformadora dessas pessoas.

Bibliografia

- BARRETO, Vera. *Paulo Freire para educadores*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é o método Paulo Freire?* São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. Campinas: UNESP, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Pedagogia da Esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- _____. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- _____. *Pedagogia da Indignação*. São Paulo: UNESP, 1997.
- _____. *Educação: Atualidade Brasileira*. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. *Teoria e Prática em Educação Popular*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *Para trabalhar com o povo*. São Paulo: CCJ Centro de Capacitação da Juventude:1992.
- OLIVEIRA, A.P. *O discurso da exclusão na escola*. Joaçaba/SC: UNOESC, 2002.
- SAVIANI, D. *Pedagogia Histórico-Crítica*. São Paulo: A. Associados/Cortez, 1991.

*Kátia Regina Roseiro Coutinho é professora mestre da UNESP- Departamento de Educação desde 1996. Formada em Psicologia – bacharelado e formação de psicóloga em 1981 pela UNESP – Assis, Pedagogia pelo Ieda - Assis, mestre em Educação em 1996 pela UNESP - 1996, doutoranda em Educação pela UNESP - Marília, início em 2006 – previsão de defesa em Novembro 2008.